

**O fantasma do Brasil em *Cenas de África. ?*.
Romance Íntimo, de Pedro Félix Machado**

**The ghost of Brazil in *Cenas de África. ?*.
Romance Íntimo, by Pedro Félix Machado**

ALBERTO OLIVEIRA PINTO*

RESUMO: ANALISANDO *CENAS DE ÁFRICA. ?*. *ROMANCE ÍNTIMO*, DO ESCRITOR ANGOLANO PEDRO FÉLIX MACHADO, PUBLICADO EM 1891, ESTE ESTUDO PRETENDE MOSTRAR COMO É QUE O BRASIL REPRESENTOU E REPRESENTA UMA REFERÊNCIA PERMANENTE E PERSISTENTE NO PERCURSO IDENTITÁRIO DOS ANGOLANOS E NA SOCIEDADE ANGOLANA DESDE O TEMPO DO TRÁFICO DE ESCRAVOS E DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA.

ABSTRACT: ANALYZING *CENAS DE ÁFRICA. ?*. *ROMANCE ÍNTIMO*, A NOVEL OF THE ANGOLAN WRITER PEDRO FÉLIX MACHADO PUBLISHED IN 1891, THIS STUDY AIMS TO THINK ABOUT BRAZIL AS A PERMANENT AND PERSISTENT REFERENCE IN THE ANGOLAN IDENTITY AND IN THE ANGOLAN SOCIETY SINCE THE TRADE OF SLAVES AND THE ABOLISHMENT OF SLAVERY.

PALAVRAS-CHAVE: ANGOLA; BRASIL; PEDRO FÉLIX MACHADO; TRÁFICO NEGREIRO; ESCRAVATURA.
KEYWORDS: ANGOLA; BRAZIL; PEDRO FÉLIX MACHADO; TRADE OF SLAVES; SLAVERY.

* Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, Portugal. E-mail: alberto.o.pinto@gmail.com.

angolano Pedro Félix Machado e o Brasil

O folhetim *Cenas de África. ? Romance Íntimo*, de Pedro Félix Machado (Luanda, c. 1860 - Lisboa?, Luanda?, c. 1907), publicado em 1891 em Lisboa, inicialmente na *Gazeta de Portugal* e depois pela Ferin & C.^a Editores, tem sido considerado uma obra literária precursora do romance angolano.

Nascido em Luanda (c. 1860), Pedro Félix Machado era filho de António Félix Machado, natural dos Açores, comerciante cujos negócios decorriam entre Luanda e o Recife, e da angolana Ana Joaquina do Amaral Gourgel, filha de Pedro Maria do Amaral Gourgel e de Catarina da Costa, ambos naturais de Luanda. O nome da família materna do escritor, Amaral Gourgel, indicia uma ascendência mestiça e brasileira, uma vez que se trata de uma entre as muitas famílias que, sobretudo depois do governo de Salvador Correia de Sá e Benevides, entre 1648 e 1651, assim como dos governadores brasileiros que lhe sucederam ao longo de todo o século XVII, foram afluindo do Brasil a Angola, estabelecendo alianças matrimoniais com africanos e controlando o comércio de mão de obra escrava para o Brasil nos dois principais portos angolanos, Luanda e Benguela, pelo menos até à Independência brasileira, em 1822. Se é certo que muitos dos nativistas angolanos – ou *angolenses* ou *filhos do país*, como se autointitulavam – que colaboraram na imprensa livre da segunda metade do século XIX eram oriundos destas famílias, não é demais lembrar que o próprio sentimento de nativismo, criação inteiramente brasileira, foi penetrando paulatinamente no território angolano através delas (PINTO, 2004). Embora tudo leve a crer que Pedro Félix Machado nunca esteve no Brasil, é possível, pois, discernir, no seu percurso biográfico, três elementos que o ligam a este país: os negócios do pai, a ascendência da mãe e a gênese do nativismo angolano. Como vão eles repercutir-se em *Cenas de África. ? Romance Íntimo*?

Fernando e Leonila, *Bug-Jargal*, de Victor Hugo, e a perseguição ao tráfico negro nos anos de 1850

Fernando Gouveia, natural de Lisboa e filho adulterino do judeu David Bendrau e da costureira Lourença Gouveia, tem 22 anos de idade em meados do

século XIX (c. 1850²), quando embarca na corveta D. João, a fim ir de trabalhar como professor para Luanda, na Escola Principal, a única então existente na capital de Angola. Caso a data desta viagem seja exatamente o ano de 1850, trata-se do mesmíssimo ano em que, no Brasil, o senador Eusébio Queiroz decreta o encerramento dos portos brasileiros aos navios negreiros. A bordo da corveta viaja igualmente o Conselheiro Eça Raposo, enviado pelo governo da metrópole para estudar a organização dos serviços da fazenda e aduaneiros de toda a Província de Angola, o que demonstra que esta viagem ocorre durante ou depois do governo de Pedro Alexandrino da Cunha (1845-1848), cujas reformas criaram a primeira pauta alfandegária de Luanda. O Conselheiro segue acompanhado da filha de 16 anos, Leonila, que fora educada num colégio em Paris e que, a bordo da corveta D. João, é cortejada por todos os oficiais de marinha. Mas Leonila só tem olhos para o jovem Fernando Gouveia, que cortesmente lhe empresta o romance *Bug-Jargal*, de Victor Hugo.

O namoro entre Fernando e Leonila processa-se, ao longo da viagem, através de mensagens amorosas enigmáticas registradas nas páginas desta obra de literatura negrófila francesa¹, cuja ação se desenrola durante a insurreição dos escravos de São Domingos em 1791 e que narra a história do escravo Pierrot, que na realidade é o príncipe kakongo (cabindense) Bug-Jargal, o qual se apaixona por Marie, a filha de um plantador francês. Uma canção contida no romance de Victor Hugo, em que Bug-Jargal confessa à amada que por ela abdicaria da sua condição de rei e de homem livre na África (HUGO, 1977, p. 48-57), viria a merecer, aliás, a atenção do poeta brasileiro Antônio de Castro Alves (Currálinho, 1847 – Salvador, 1871), que a traduziria para a língua portuguesa com o título “O Canto de Bug-Jargal”, sendo incluída no livro póstumo de poemas *Os Escravos* (1883). Os quatro últimos versos deste poema,

[Ó Maria] Eu sei que és branca e eu negro, mas precisa
 O dia unir-se à noite feia, escura,
 Para criar as tardes e as auroras,
 Mais belas do que a luz, mais do que as trevas!²,

1. Escrita por Victor Hugo (Besançon, 1802 – Paris, 1885) em 1818, aos 16 anos de idade, e publicada em 1826.

2. Reproduzimos a tradução de Castro Alves (Cf. http://pt.wikisource.org/wiki/O_canto_de_Bug_Jargal).

agradaram decerto a Pedro Félix Machado, que era mestiço. Mas não é de excluir a hipótese de a sua personagem Fernando Gouveia se ter identificado igualmente com eles no seu amor impossível por Leonila, uma vez que Fernando Gouveia, embora não sendo de origem africana, era filho de judeu e ainda por cima... adúlterino!

Um ano depois, a ligação entre Leonila e Fernando Gouveia seria um escândalo em Luanda. O Conselheiro Eça Raposo encarrega dois degredados de apunhalarem Fernando a horas mortas numa rua do Bungo, ao tempo um lugar ermo da baixa, antecedendo a Nazaré, que demarcava o limite norte da cidade (MACHADO, 2004, p. 167). Fernando é socorrido pelo comerciante Manuel José de Andrade, que põe em fuga um dos degredados e captura o segundo, o Canhoto, a quem só poupa a vida pelo fato de, tal como ele, ser pai de uma filha de dois anos de idade. Presumimos que a filha do Canhoto, tal como Laura, a filha de Andrade, seja uma mestiça, uma vez que só em 1869 é que entraria em vigor o decreto de Silva Ferrão que viabilizava a ida para Angola das esposas portuguesas dos degredados e os proibia de ter amantes africanas (BENDER, 1980, p. 123-143).

Como Fernando Gouveia não tem dinheiro para comprar uma passagem de barco para deixar Angola, Andrade dispõe-se a dar-lhe cem mil réis e a embarcá-lo no dia seguinte num navio negreiro, o Invencível, que segue para o Brasil com um carregamento de oitocentas “cabeças de alcatrão” (MACHADO, 2004, p. 174, 176). Manuel José de Andrade, natural do Minho, no norte de Portugal – na pronúncia, troca sempre o *b* pelo *v* -, fora comerciante no Brasil desde os 17 anos de idade e, seduzido pela fortuna fácil do tráfico de escravos, fizera várias viagens em navios negreiros até se fixar em Luanda,

[...] dedicando-se ao comércio lícito, se bem que, apesar do rigor dos meios repressivos do ignóbil tráfico, ainda, de quando em quando, ia ao seu *embarque-zito*, de sociedade com outros, e muito pela certa. Pelo menos não arriscava a pele, porque, ainda que aprisionado fosse o navio, provas algumas havia contra os carregadores. [...] Era arriscado mas era tentador! [...] Se o *carregamento* se salvava, decuplicava-se o capital e ele não podia resistir-lhe (MACHADO, 2004, p. 67).

A fixação de Andrade em Luanda é, sem dúvida, posterior a 1838, pois só nesse ano foi aprovado em Londres o *bill* de Palmerston, que permitiu aos vasos de guerra britânicos – os chamados “cruzeiros” – fiscalizar os cargueiros portugueses e brasileiros a sul do Equador e declará-los piratas caso se descobrissem escravos a bordo. Em consequência, o governo de Pedro Alexandrino da Cunha (1845-1848) impulsionaria o patrulhamento da costa angolana igualmente por “cruzeiros” portugueses e mesmo brasileiros (PINTO, 2006, p. 213-219). Foi, portanto, numa conjuntura de perseguição ao tráfico negreiro – e não de abolicionismo, realidade bem distinta, embora Pedro Félix Machado pareça confundi-las – que Fernando Gouveia embarcou no Invencível, “brigue colossal, muito veleiro, capaz de bolinar contra o vento, e a que nenhum cruzeiro inglês conseguia dar caça”, comandado pelo capitão Raio (MACHADO, 2004, p. 176).

O destino do navio era o Brasil, algures perto do Rio de Janeiro, onde deveria desembarcar clandestinamente a mercadoria humana, cujo carregamento era feito parte em Luanda – incluindo 200 negros pertencentes à famosa Ana Joaquina dos Santos Silva, a “Dembo Ulála”, “Laluinha”, “Baronesa do Bungo” ou “Ana Mulata do Bungo”, que seguiam para o porto da Mãe Isabel pelo mítico subterrâneo secreto do qual Pedro Félix Machado afirma haver vestígios – e parte ao longo da costa acima até ao Zaire. O próprio Fernando Gouveia segue acompanhado de um jovem escravo, Sérvulo, que lhe fora oferecido por Andrade na hora da partida:

Ao pé dele [Fernando Gouveia], acorado no chão [do tombadilho], com os braços dobrados sobre o peito e quase metidos por debaixo dos joelhos como os das múmias, parecendo mais um macaco do que um homem – ia um pretito de 15 anos, raquítico e magro, quase nu, tiritando de frio, e cujos dentes alvejavam na escuridão e os olhos brilhavam espantosamente abertos (MACHADO, 2004, p. 177).

Evitando ancorar em Ambrizete (Nzeto) – decerto ainda com a recordação do massacre ao soba e à população escravagista do Ambriz, a que o abolicionismo britânico forçara as autoridades portuguesas em 1855 (PINTO, 2006, p. 242-244) –, o capitão Raio logra penetrar no Zaire, passar ao largo Santo António (Soyo), na margem sul, e desembarcar em Banana, na margem norte,

não sem se aperceber de que um “cruzeiro” persistia na perseguição. Não só Pedro Félix Machado reconhece muito acertadamente que “não estavam ainda ocupados os portos do Norte da província de Angola [...] Portugal chamava-lhes seus, mas a sua posse [só] mais tarde se evidenciou” (MACHADO, 2004, p. 183), como podemos assistir à confraternização, a bordo do *Invincível* e durante toda a noite, de Fernando Gouveia com quatro portugueses de rostos patibulares – sem dúvida antigos degredados – estabelecidos como comerciantes de escravos em Banana, localidade que depois de 1885 seria integrada no Congo Belga. Porém, de madrugada, a corveta *D. João* – a mesma que trouxera Fernando a Angola e agora patrulhava a costa arvorada em “cruzeiro” português – ancora em Banana e encarrega um oficial de marinha de revistar os porões do *Invincível*. A simpatia que Fernando Gouveia inspira a esse oficial, com quem viajara no ano anterior, faz com que este feche os olhos ao carregamento do capitão Raio.

No Brasil, que só deixará seis anos depois, Fernando Gouveia torna-se um médico prestigiado, mudando o nome para Augusto Duprat, e distingue-se na prestação de serviços de ambulâncias durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), tratando o próprio Imperador D. Pedro II. Portanto, só depois de 1870 é que segue de novo para Angola.

Ernesto e Laura e a abolição da escravatura nos anos de 1870

Mas o que é que aconteceu a Leonila desde que o seu amado saiu de Angola? O pai obriga-a a contrair núpcias com um velho militar que morre passado um ano. Três meses depois de enviuar, Leonila casa por conveniência com Lemos, um antigo capitão de navios negreiros agora estabelecido em Luanda no comércio lícito. Entretanto, torna-se amante de Ernesto Mendes, um guarda-livros da empresa do marido chegado de Portugal há cinco anos. Porém, ao saber que Ernesto a trocou por uma mulata chamada Laura, Leonila decide vingar-se, despedindo Ernesto. É, portanto, na década de 1870 que Ernesto Mendes, de 34 anos, e a mulata Laura, de 18, se conhecem num baile do palácio do governador e se apaixonam. Laura é filha do nosso já conhecido ex-negreiro Andrade e de D. Engrácia (Nga Galaxi em kimbundu), senhora que presumimos ser, à semelhança da mãe de Pedro Félix Machado,

oriunda de uma família angolana resultante das alianças matrimoniais com os escravagistas brasileiros, uma vez que é proprietária – tal como os Amaral Gourgel, os Burity, os Torres e os Van-Dúnem, a julgar pela planta de Luanda de 1862, da autoria de F. Dutra (PEPETELA, 1990, p. 70-71) – de um musseque no Alto das Cruzes (MACHADO, 2004, p. 70).

Ernesto namora Laura entrando à noite furtivamente na casa de Andrade, uma moradia típica de escravocrata da baixa luandense, caracterizada pelo conjunto de habitação e quintal com arrecadação ou casa-forte para abrigar os escravos. Casa térrea, possivelmente situada na Rua Direita, contrastando com os edifícios de dois pisos da Rua dos Mercadores, num dos quais morava Ernesto. Na noite em que sabe do namoro da filha, Andrade entra enfurecido na casa-forte e tortura impiedosamente os escravos até que um deles lhe revele quem forneceu ao guarda-livros a chave da casa (MACHADO, 2004, p. 94). Sabendo, por um dos escravos torturados, que quem entregara a chave da casa a Ernesto fora a escrava Inácia, outrora ama de leite de Laura, Andrade apressa-se a subir a encosta norte da cidade, que conduz ao Alto das Cruzes, onde Inácia, agora uma liberta, reside numa cubata do musseque de que Nga Galaxi é proprietária. Não a encontrando, põe fogo à cubata e corre a pontapé os habitantes do musseque que lhe dizem não saber onde está Inácia e que, desesperadamente, tentam apagar o fogo atirando quindas (cestos) de areia às labaredas, “único sistema que até hoje se emprega lá [em Luanda] para extinguir os incêndios em cubatas” (MACHADO, 2004, p. 104). Ao cair da noite, Andrade é informado de que Inácia se encontrava numa cubata situada, não na zona norte da cidade e sim na zona sul, no musseque da Samba, para lá da encosta da Maianga, onde um *quimbári* a acolhera. Este pormenor tem a particularidade de informar que, no século XIX, antecipando o que viria a acontecer na primeira metade do século XX com os cabo-verdianos e os santomenses, já se concentravam no morro da Samba os africanos não letrados mas considerados “mais civilizados” (ou “destribalizados”), como era o caso dos *quimbáris*, esses antigos guias de caravanas descendentes de escravos forros, que viviam à maneira ocidental.

Andrade sobe a encosta da Maianga, passando o poço que então abastecia a cidade de água – a Maianga do Rei –, mas é seguido de longe por Sérvulo, o fiel servidor que em tempos “oferecera” ao agora Dr. Duprat. Este filantropo arrendara uma quinta para os lados da ermida da Nazaré, portanto na extre-

midade oposta da cidade, a confinar com o musseque dos Cabindas. Num périplo sul-norte-norte-sul (Bungo-Nazaré-Nazaré-Maianga/Samba), Duprat e Sérvulo seguem Andrade, mas não vão a tempo de o impedir de esfaquear Inácia num pulmão. Duprat, contudo, convence Andrade a voltar para casa e consegue que o comerciante autorize o casamento da filha com Ernesto. Na sua vingança contra Ernesto, Leonila convence as autoridades a levar para a prisão Andrade, o pai de Laura, acusado de assassinar a liberta Inácia. Mas o Dr. Duprat, que Leonila em tempos amara, consegue apresentar ao juiz, viva e com saúde, a liberta Inácia, antes dada como morta, o que é considerado um “feitiço” (MACHADO, p. 95, 137).

O casamento de Laura e de Ernesto veio a ser realizado com grande pompa na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, então já Sé de Luanda, e com festa à noite na casa do comerciante Lemos (MACHADO, 2004, p. 155). Esta festa emparceira o baile mandado da *massemba* (ou *rebita*) de Luanda, de que eram mandadores (ou *comandantes*) um tal Vandunem e um tal João Coelho, com cantigas brasileiras tocadas ao piano pelo cônego José Maria Fernandes, possivelmente um brasileiro ou alguém que missionou igualmente no Brasil. Parceria musical que, atravessando todo o século XX, chegaria aos nossos dias.

Os avatares brasileiros nos angolanos e nos portugueses de Angola

Podemos agora inventariar os elementos que, em *Cenas de África. ? Romance Íntimo*, de Pedro Félix Machado, denunciam uma presença discreta mas persistente do Brasil: as origens de D. Engrácia/Nga Galaxi; os passados dos comerciantes escravagistas Andrade e Lemos; a rota do Invencível do capitão Raio e de outros negreiros; as cantigas tocadas ao piano pelo cônego José Maria Fernandes; as referências à Guerra do Paraguai (1864-1870); o percurso de Fernando Gouveia/ Augusto Duprat. Esta personagem, protagonista inequívoco do romance, parece ser a mais marcada pelos avatares brasileiros. A vivência no Brasil faz com que, em Angola, passe por “feiticeiro branco”. Essa vivência transforma-o num filantropo, num abolicionista, num republicano, mas também – e talvez à imagem do próprio Pedro Félix Machado e dos escritores angolanos, portugueses e brasileiros da sua geração – num cético, num racionalista, de um positivismo comtiano levado aos extremos.

Mas o Brasil produz igualmente transformações significativas em duas outras personagens do romance que, ainda que secundárias, julgamos pertinente evidenciar. A primeira é um degredado, José Filipe da Silva, mais conhecido por Canhoto. Embora a colonização penal na legislação portuguesa remonte ao século XV e à conquista de Ceuta em 1415, foi consideravelmente multiplicada com o decreto de Silva Ferrão de 1869, dois anos depois da abolição da pena de morte em Portugal. Apesar de o decreto de Silva Ferrão prever a criação de depósitos de degredados em Angola, só em 1883 foram abertos os efêmeros e insuficientes ergástulos de Luanda e de Benguela – o primeiro encerrado em 1926 e o segundo em 1909 –, pelo que os mais de 130 condenados desembarcados anualmente em território angolano até 1932 – data da abolição do degredo em Portugal – circulavam livremente e constituíam a grande maioria da população branca da colônia (BENDER, 1980, p. 132-139).

Atendendo a que, devido às doenças tropicais, a sua esperança média de vida não ia além de 13,6 anos, sucumbindo cerca de 60% ao fim de um ano de estada em solo africano, podemos considerar que José Filipe da Silva, o Canhoto, teve sorte, depois da tentativa de assassinato de Fernando Gouveia, ao ser auxiliado pelo Conselheiro Eça Raposo a fugir do degredo em Angola e a seguir com a filha para o Brasil (MACHADO, 2004, p. 247). Viveu alguns anos no Pará, onde a filha veio a casar com um senhor de engenho abastado, de quem enviuvava sem deixar descendentes. Desfrutando da fortuna do genro, o Canhoto pôde regressar a Portugal, onde se tornou proprietário de imóveis.

Este desfecho mostra que Pedro Félix Machado tinha plena consciência de uma realidade que ainda hoje o subconsciente coletivo português, delirantemente impregnado do mito (luso)tropicalista, tende a negar: a de que a aspiração de todos os portugueses ao emigrarem – mesmo para as suas antigas colônias, como o Brasil ou Angola – é sempre a de regressarem a Portugal, e só não o faz quem não tem a sorte de dispor dos recursos financeiros que o tão almejado regresso exige.

A outra personagem que queremos pôr em evidência é um angolano, talvez o angolano mais silenciado do romance, mas também o mais resistente ao tempo, uma vez que as problemáticas que a sua personalidade suscita permanecem plenamente vivas nos dias de hoje. Referimo-nos a Sérvulo, o rapazinho que foi oferecido aos 15 anos, na qualidade de escravo, a Fernando Gouveia e a quem este, tornando-se o Dr. Augusto Duprat, confere a alforria,

mas mantém ao seu serviço. Sérvulo não é um luandense e sim um natural do sertão, da Angola profunda. Se tivesse ficado em Angola, certamente enfileiraria na categoria sócio-racial dos “indígenas”, que substituíram os escravos. Sérvulo é um escravo que, uma vez obtida a alforria, tem a “sorte” de, ao contrário da maioria no Brasil e em Angola, não ser votado à indigência e continuar a servir o seu senhor. Mas observem-se as transformações que, anos depois de, a bordo do Invencível, assemelhar-se “mais a um macaco do que a um homem” (Sic.), nele se operam mercê da sua experiência brasileira:

Sérvulo envelhecera precocemente. Quando Fernando Gouveia tinha 40 anos, já ele [que presumimos ser mais novo 7 anos do que o amo] parecia ter 60, e o seu ar taciturno e humilde ainda o fazia parecer mais velho. [...] Muito novo ainda, invadira-lhe o espírito uma profunda tristeza, que aumentava à proporção que se instruía. [...] Duprat, compreendendo isso, limitou-se a dar-lhe uma educação muito elementar. [...] Lia e escrevia correctamente, falava vários idiomas que aprendera nas viagens que fizera com o amo; mas a sua instrução limitava-se a isso, **porque o médico via que, longe de ser útil, a instrução para ele seria uma fonte de pesares íntimos, que lhe queria evitar.** [...] o servo do Dr. Duprat dispunha do dinheiro que precisava e não tinha um pecúlio considerável **porque não era ambicioso – como quase todos os da sua raça.** [...] a causa principal da sua tristeza era conhecer-se antipático a toda a gente e **ver-se frequentemente desconsiderado por ser preto e por ser feio!** [...] O amo tratava-o como amigo, apreciava-lhe as qualidades; mas era exactamente por isso que mais o feriam as desconsiderações dos outros. [...] Sentia-se grotesco e ridículo, amesquinhava-o a brutalidade com que às vezes o tratavam. [...] Era baixo, um tanto corcovado, magro e deselegante; o nariz chato abria-se em largas ventas que avançavam com as maxilas num prognatismo símio; lábios grossos, roxos, descaídos, deixavam ver numa boca enorme dentes muito brancos, muito iguais, que ainda mais o desfeavam; a testa pequena e convexa quase se perdia na carapinha abundante que parecia lã e os olhos grandes alvejando na cara muito preta metiam medo às crianças e tornavam-no antipático aos adultos. [...] Mas o conjunto da fisionomia **respirava bondade e resignação**, o olhar era macio como o de um boi de trabalho (MACHADO, 2004, p. 230-231, sublinhados nossos).

A interpretação deste trecho pode ser feita à luz da análise dos processos de retórica do discurso colonial, que sem dúvida nele estão contidos: tal como n' *A Cabana do Pai Tomás* (1852), de Harriet Beecher Stowe (1811-1896), também aqui encontramos as falácias do “branco bom” e do “preto bom”, por contra-posição aos “brancos maus” e aos “pretos maus” ou, se preferirmos, a dicotomia entre o Mau Selvagem e o Bom Selvagem. O branco é “bom” porque é paternalista com o ex-escravo, alforriando-o, mas, para que o liberto jamais venha a equiparar-se-lhe em estatuto social, nega-lhe o acesso à instrução com o argumento hipócrita de não lhe querer criar problemas. E o negro é “bom” porque, atávica e somaticamente, não é ambicioso, e, acima de tudo, é servil para com o branco. Próspero perante um Caliban domesticado? Ou Robinson Crusó e Sexta-Feira?

Mas Sérvulo pode personificar igualmente a negrofobia tal como foi definida por Jacques Nanema, ou seja, “ao mesmo tempo ódio multiforme do Negro vindo do Branco, consecutivo à confrontação histórica entre as duas comunidades culturais, mas também trágica transformação do ódio do outro por si próprio num ódio mais ou menos inconsciente de si próprio por si próprio” (NANEMA, 2010, p. 337-338). A negrofobia envolve, portanto, uma componente objetiva (alterofobia), de aversão ao Outro, que tanto se pode consubstanciar na violência como na atitude paternalista, tal como a que Duprat vota a Sérvulo. Mas envolve também uma componente subjetiva (isofobia), de ódio pelo próprio ou de auto-aversão, analisada por autores como Albert Memmi, Aimé Césaire e Frantz Fanon. Parece-nos ser este o sentimento que Sérvulo interioriza. Sentimento do qual, infelizmente, muitos brasileiros e angolanos ainda não se libertaram.

Referências bibliográficas

- BENDER, Gerald J. *Angola sob o domínio português. Mito e realidade*. Lisboa: Sá da Costa, 1980.
- HUGO, Victor. *Le dernier jour d'un condamné* précédé de *Bug-Jargal*. Pref. Roger Borderie. Paris: Gallimard, 1977.
- MACHADO, Pedro Félix. *Cenas de África. ? Romance íntimo*. Organização e Prefácio de E. Bonavena. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2004 [1892].

NANEMA, Jacques. L'Afrique entre négrophobie et développement: du désarroi identitaire à la renaissance. In: GASSAMA, Makhily (dir.). *50 ans après, quelle indépendance pour l'Afrique?* Paris: Éditions Philippe Rey, 2010, p. 329-361.

PEPETELA. *Luandando*. Luanda: Elf Aquitaine Angola, 1990.

PINTO, Alberto Oliveira. *Cabinda e as construções da sua história. 1783-1887*. Pref. Alfredo Margarido e Isabel Castro Henriques. Lisboa/Luanda: Dinalivro/Chá de Caxinde, 2006.

_____. A formação do anti-colonialismo em Angola. In: *Liberdade. Revista de cultura e contracultura. Anais científicos da Universidade Independente*. Lisboa: Universidade Independente, Nova Série, Nº 7, Verão 2004, p. 31-60.

Recebido em 25 de junho e aprovado em 30 de outubro de 2012.